



## O USO DE MEDICAMENTOS E MÉTODOS DE INTERVENÇÃO EM PACIENTES DIAGNÓSTICADOS COM TEA

Djirla de Fátima Alves Amorim<sup>1</sup>

Luis Felipe Mota Santos<sup>2</sup>

Maria Estela de Alencar Costa<sup>3</sup>

Patrícia Carvalho Coelho<sup>4</sup>

Prof. Dr. Bruno Da Silva Gomes<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o uso de medicamentos, os métodos de intervenção e a importância da atuação dos profissionais no tratamento dos pacientes diagnosticados com TEA. O autismo é um transtorno global do desenvolvimento, que tem tomado aumento significativo na prevalência de diagnósticos. O transtorno se caracteriza por manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. O estudo trata-se de revisão de literatura integrativo de caráter descritivo, na qual apresenta tanto o tratamento medicamentoso, onde é discorrido sobre os psicofármacos mais consumidos para o tratamento, a eficácia e os efeitos colaterais. Quanto as propostas de intervenção que podem ser adotadas, como: o ABA, TEACCH, PECS e o SON RISE. Tendo assim como intuito proporcionar um entendimento primordial sobre o tema.

**Palavras-chaves:** Autismo; Medicalização; Crianças; Intervenção e TEA.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el uso de medicamentos, métodos de intervención y la importancia de las acciones de los profesionales en el tratamiento de pacientes diagnosticados con TEA. El autismo es un trastorno del desarrollo global que ha tenido un aumento significativo en la prevalencia de diagnósticos. El trastorno se caracteriza por manifestaciones conductuales, déficits en la comunicación y la interacción social, patrones de comportamientos repetitivos y estereotipados, y puede presentar un repertorio restringido de intereses y actividades. El estudio es una revisión descriptiva integradora de la literatura, en la que se presenta tanto el tratamiento farmacológico, donde se estudia sobre los fármacos psicotrópicos más consumidos para el tratamiento, la eficacia y los efectos secundarios. En cuanto a las propuestas de intervención que se pueden adoptar, tales como: ABA, TEACCH, PECS y SON RISE. Con el objetivo de proporcionar una comprensión primordial sobre el tema.

**Palabras clave:** Autismo; Medicalización; Niños; Intervención y TEA.

<sup>1</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade CEUPI

<sup>2</sup> Acadêmico de Psicologia pela Faculdade CEUPI

<sup>3</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade CEUPI

<sup>4</sup> Acadêmica de Psicologia pela Faculdade CEUPI

<sup>5</sup> Graduado em Bacharelado em Biologia pela Universidade Federal do Piauí, especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, mestre em Farmacologia de Produtos Naturais, doutor em Biotecnologia, membro do Núcleo de Pesquisas em Plantas medicinais (NPPM/UFPI), professor universitário. Orcid: 0000-0002-4527-3956



## ABSTRACT

This article aims to discuss the use of medication, intervention methods and the importance of professionals in the treatment of patients diagnosed with ASD. Autism is a global developmental disorder, which has taken a significant increase in the prevalence of diagnoses, the disorder is characterized by behavioral manifestations, deficits in communication and social interaction, repetitive and stereotyped behavior patterns, and may present a restricted repertoire of interests and activities. The study is an integrative literature review of a descriptive nature, in which it presents both drug treatment, where the most consumed psychotropic drugs for treatment, efficacy and side effects are discussed. As for the intervention proposals that can be adopted, such as: ABA, TEACCH, PECS and SON RISE. In order to provide a primary understanding of the subject.

**Keywords:** Autism; Medicalization; Children; Intervention; TEA.

## INTRODUÇÃO

Este estudo buscar discutir o uso de medicamentos e os métodos de intervenção em pacientes com o transtorno do espectro autista (TEA), refletindo como a medicalização tem se tornado frequente no tratamento para este transtorno e apresentando as propostas de intervenções que podem ser adotadas.

Concebe-se por medicalização a ação que modifica, artificialmente, questões não médicas em problemas médicos. Segundo Carvalho, Rodrigues e Costa (2015), a medicalização é um processo em que determinado procedimento ou problema não médico é estabelecido como uma doença, transtorno ou problema médico, sendo atribuída à profissão médica o consentimento para oferecer aos indivíduos algum tipo de tratamento.

Ao falar de medicalização, segundo Soalheiro e Mota (2014), solicita um difícil serviço; de delimitar o que se compreende por comum e patológico no campo do conhecimento científico, tal tarefa faz-se ainda mais complexa quando compromete a compreensão das experiências de sofrimento e adoecimento psíquico.

Conforme o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM-IV-TR* (Associação Psiquiátrica Americana) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno global do desenvolvimento, que se caracteriza pelo crescimento acentuadamente atípico na interação social, na comunicação e pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses.

Para Mattos e Nuernberg (2011), os primeiros relatos científicos sobre o Transtorno do espectro autista (TEA) ocorreram em um estudo realizado por Leo Kanner, com onze crianças, em 1943. O estudo realizado apontou que as



crianças apresentavam dificuldade e/ou déficits na fala e em estabelecer contato com outras pessoas.

Segundo Brzozowski e Caponi (2013), o desenvolvimento de medicalização estão interligados ao que é considerado um desacerto social e ao controle social. E simultaneamente a área da saúde foi adentrando na vida familiar e escolar, a partir daí a medicina foi assumindo o papel muito importante como agente de normalização dos desvios, encontrando-se responsável por comportamentos que eram das esferas de outras instituições, como aprendizagem. Para Segundo Collares e Moysés (1996), o processo de medicalização é duplamente rígido, pois classificam como crianças típicas, sob outra perspectiva, ocupam com tal intensidade as sugestões, atendimentos, lugares, discursos e até de preocupações, que desfaz desses espaços aqueles que deveriam ser seus legítimos ocupantes.

O presente artigo busca refletir sobre o uso de medicamentos e os métodos de intervenção no tratamento em pacientes com autismo. Então, além da medicalização, quais seriam os possíveis métodos a serem adotados?

## **METODOLOGIA**

O estudo assume uma abordagem de revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo, a qual consiste no exame da bibliografia, para o levantamento e análise do que foi produzido sobre o assunto que assumimos como tema (MEDEIROS; TOMASI, 2021). Esses métodos foram efetuados em duas fases: a coleta de fontes bibliográficas, na qual foi feito o levantamento da bibliografia existente e, posteriormente, a coleta de informações, na qual foram produzidos o levantamento dos dados, fatos e informações contidas na bibliografia selecionada.

Para o levantamento da bibliografia, foram selecionados artigos publicados em periódicos nacionais, entre os anos de 2016 a 2022, devido ao grande aumento no diagnóstico do Transtorno do Espectro Autismo (TEA) nos últimos anos. Conseqüentemente, buscamos a bibliografia dos últimos quatro anos desse período e dos cinco anos subsequentes, ou seja, de 2016 a 2022, verificando quais são os medicamentos e as estratégias de intervenção no tratamento do Transtorno do Espectro Autismo (TEA). A busca pelos textos foi realizada a



partir dos seguintes descritores: autismo, medicalização, crianças, intervenção e TEA, de forma predominantemente manual e na base de dados Scielo, Google Acadêmico e Periódicos CAPES.

A partir disso, foi feita uma leitura bibliográfica e exploratória, constando se existiam ou não informações a respeito do tema proposto e de acordo com os objetivos do estudo. Nessa leitura, foram selecionados 22 artigos. Em seguida, foi realizada uma leitura seletiva, a partir da qual foi determinado o material que seria utilizado na pesquisa, selecionando novamente as informações pertinentes de acordo com os objetivos do estudo. Nessa etapa, foram selecionados 9 dos 22 artigos que apresentam o tema da pesquisa.

Dos artigos selecionados, foi executada uma leitura crítica, com a essencial imparcialidade e objetividade, almejando respostas aos objetivos da pesquisa e, em seguida, uma leitura interpretativa, em que foram relacionadas as informações e ideias dos autores com os problemas para os quais se buscavam soluções.

## **TRATAMENTO MEDICAMENTOSO**

Segundo Lopes (2019), entre os psicofármacos mais consumidos para o tratamento medicamentoso estão a risperidona que é um antipsicótico atípico, bloqueador serotoninérgico e dopaminérgico, a olanzapina; a quetiapina; a ziprasidona; a clozapina; e o aripiprazol. Dos mencionados, a risperidona e o aripiprazol são os únicos medicamentos com que são recomendados pela *Food and Drug Administration* (FDA) dos Estados Unidos, para os sintomas referentes ao transtorno do espectro autista (TEA). Tanto a risperidona, quanto o aripiprazol são eficazes como antipsicóticos de segunda geração, mas podem acarretar efeitos colaterais significantes como o provocar o aumento do peso, síndrome metabólica, hiperprolactinemia, síndrome extrapiramidal, diminuição do limiar convulsivo e, eventualmente, a síndrome neuroléptica maligna. Desse modo, na ausência de sintomas que fundamentam seu uso, a criança é capaz e deve ser tratada sem a utilização de psicofármacos. Essas drogas poderão excepcionalmente ser administradas por especialistas que tenham hábito na sua indicação precisa.



## ALÉM DA MEDICALIZAÇÃO, QUAIS PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PODEM SER ADOTADAS?

Esta seção apresenta os trabalhos relacionados a presente proposta, destacando os métodos de intervenção no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Segundo Camargo, Rispoli (2013), o ABA enquanto método de intervenção, envolvem a partir da observação a identificação dos aspectos cognitivos, comportamentos e habilidades que precisam ser melhorados, como por exemplo: a comunicação, a interação, etc. Ou seja, a análise do comportamento aplicada se caracteriza pela coleta de dados antes, durante e após a intervenção, para que assim possa analisar o progresso da criança e promover estratégias que promovem e melhoram o comportamento e as habilidades.

Para Farias; Silva; Cunha (2014), o programa TEACCH (Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits de Comunicação) trabalha com as atividades, estruturação do tempo, materiais e ambientes utilizados pelas crianças, na qual, visa compreender os déficits característicos do TEA, além de proporcionar e emitir comportamentos significativos para o convívio social dos indivíduos. Ou seja, trata-se de um programa na qual é utilizado para favorecer e proporcionar um melhor processo de alfabetização para as crianças diagnosticadas com TEA. O TEACHH é compreendido em 04 níveis de intervenção, que são chamados de níveis de trabalho, que visam ensinar as noções básicas relacionadas à alfabetização.

Segundo Oliveira (2015), o PECS (Sistema de Comunicação por Troca de Imagem) foi desenvolvido em 1985 a partir dos princípios do ABA. O PECS constitui-se como uma forma alternativa de comunicação, pela troca de estímulos visuais por atividades de interesse ou objetos. O PECS tem como objetivo instruir indivíduos com déficits ou atrasos no repertório verbal a se transmitir de forma funcional, ou seja, a emissão de comportamentos conforme o controle de estímulos antecedentes (Sa) verbais ou não verbais e que produzam consequências mediadas por um auditor, em especial treinado para responder a estes comportamentos. Dessa maneira, os comportamentos não precisam ser necessariamente vocais, contanto que sejam selecionados e mantidos por essa classe particular de consequência, isto é, mediada.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, encontram-se os resultados e discussão desta pesquisa. Estão dispostos 09 artigos utilizados nesta pesquisa bibliográfica integrativa, de acordo com as variáveis: ano, título, autores e considerações.

ANO	TÍTULO	AUTORES	CONSIDERAÇÕES
2016	AUTISMO: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos.	Este estudo traz às principais propostas de intervenção (como o PECS, ABA, TEACCH e o SON RISE) e mostrar quais os benefícios que uma intervenção do profissional de psicologia pode trazer para o bem estar de uma pessoa diagnosticada com TEA.
2022	A QUESTÃO DA MEDICALIZAÇÃO COMO UM ATRAVESAMENTO À INCLUSÃO ESCOLAR	SILVA, Fábio Henrique; RAHME, Mônica Maria Farid.	Verificou-se a discussão sobre a medicalização e como se dá na circunstância de uma educação inclusiva, faz-se refletir sobre algumas outras questões. Como por exemplo, a medicalização promove a segurança da inclusão ou a homogeneização? Desenvolvendo essas e outras reflexões.
2020	MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL: TENSÕES NA INCLUSÃO	NACINOVIC, Rafaela do Carmo Pacheco; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade.	Aborda a respeito da medicalização na infância e evidencia a criação de ideias em volta da aparência de uma criança sem desvios, na qual, qualquer vestígio, pode ser indício de uma doença que deve ser diagnosticada e tratada o quanto antes.



2022	INCLUSÃO E MEDICALIZAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: O OLHAR DO DOCENTE E DA GESTÃO SOBRE OS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM	HASHIZUME, Cristina Miyuki et al.	Efetuou-se um conhecimento especializado que atesta o esclarecimento da medicalização, de que um aluno com autismo, necessita saber sobre seu grau de gravidade do autismo. Logo após essa classificação, a patologia é adaptada para decorrentes intervenções.
2021	A ATUAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL NA REABILITAÇÃO DE PESSOAS COM AUTISMO	MAPURUNGA, B. A.; MENDES, A. L. R.; SILVEIRA, V. B.; CORREIA, R. F. de O. .; CARVALHO, A. F. M. de.	Verificou-se que o terapeuta ocupacional pode atuar na reabilitação de pessoas com autismo utilizando estratégias e métodos de intervenção, como as atividades lúdicas, intervenções direcionadas ao processamento sensorial, treino de habilidades sociais em oficinas terapêuticas, estratégias com enfoque na comunicação e atividades com o objetivo de promover o desempenho funcional e ocupacional.
2022	O AUTISMO E O PSICÓLOGO NA PSICOLOGIA CLÍNICA	ALVES, Ângela Karenine Saraiva; ALVES, Thamy Saraiva.	Analisa como a psicologia clínica quando se refere ao TEA, compreende a atuação do psicólogo dentro do ambiente clínico, ou seja, o psicólogo aprende a identificar os sentimentos, comportamentos e pensamentos que



			podem causar desconforto e que naquele momento precisam ser trabalhadas. Buscando realizar diversas atividades e intervenções que melhorem as habilidades sociais, sensoriais, a linguagem e comunicação da pessoa autista. Realização também de atividades que estimulem o autocontrole e a autorregulação.
2018	A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS NÃO MEDICALIZANTES PARA O AUTISMO: A EXPERIÊNCIA DE UM CLUBE DO LIVRO.	OLIVEIRA, Débora Nascimento; FILHO, Jair Ronchi; BASSANI, Elizabeth.	Busca trazer uma crítica representada pela problematização de medicamentos no tratamento do autismo, destacando práticas não medicamentosas que podem ser utilizadas nos âmbitos da educação e saúde.
2019	O AUTISMO NO CAMINHO DA PATOLOGIZAÇÃO E MEDICALIZAÇÃO: EFEITOS DA LEI 13.438, DE 16 DE ABRIL DE 2017.	LÔBO, Suely Maria Costa.	O estudo traz conhecimentos de marcos legais sobre a assistência aos pacientes com TEA, tendo como objetivo debater os efeitos clínicos da utilização desse critério diagnóstico, e mostrar leis que amparam e promovem assistência ao portal de transtorno do mental.



2020	AU-TISMO, IMPOR-TÂNCIA DO DIAG-NÓ-S-TICO PRE-COCE.	SUNAKO-ZAWA, Vitória Rossi.	O artigo traz uma visão mais ampla sobre a compreensão da necessidade do diagnóstico precoce do autismo. Na leitura é possível verificar que devido a neuroplasticidade do encéfalo ter maior atividade na infância, a intervenção precoce é essencial para a promoção de estímulos que visam o bem estar físico e social do indivíduo.
------	--	-----------------------------	---

**FONTE:** Dados da pesquisa, 2022.

Locatelli e Santos (2016) traz os métodos de intervenção que podem ser utilizados em pessoas diagnósticas com autismo. Como: o ABA é a análise aplicada do comportamento, um dos métodos de intervenção mais utilizados com crianças na terapia, estimulando a desenvolver as suas potencialidades, se tornando um método de terapia lúdica, pois estimula a criança a brincar, tornando uma terapia prazerosa; o PECS, que é um método de tratamento que possibilita o desenvolvimento de habilidades, como as habilidades na comunicação. Ou seja, nesse método irá permitir que a criança escolha uma imagem que represente um objeto pretendido pela mesma e dar esse objeto nas mãos do profissional, permitindo assim que a criança se comunique por meio do contexto social; o Son Rise é um programa de grande eficiência no contexto educacional para as crianças com TEA. Esse método busca a implementação de um programa domiciliar, ou seja, na própria casa da criança, tendo os pais participando de forma ativa nas vivências da criança com autismo, buscando criar uma ponte entre a criança e seus cuidadores; e o TEACCH é um método de tratamento psicoeducacional que visa a estruturação das pessoas diagnosticadas com TEA em todos os ambientes sociais.

Segundo Alves e Alves (2022), a atuação do psicólogo clínico no tratamento do autismo, se explícita em meio ao diagnóstico, visando uma integração familiar e social da pessoa com autismo. Nesses casos o psicólogo busca acompanhar a rotina do autista, ensinando assim a eles a importância de trabalhar a



autorregulação, o autocontrole e como se comportar adequadamente. Estimula também a realização de habilidades sociais, faz com que o autista lide melhor com os medos, frustrações, agressividade e impulsividade. Mapurunga et al. (2021) complementa como a atuação do Terapeuta Ocupacional no processo de reabilitação de pessoas com autismo ocorre a partir das intervenções, tendo assim como objetivo aprimorar o desempenho ocupacional em todas as áreas da vida dessas pessoas diagnosticadas com autismo. O Terapeuta Ocupacional irá trabalhar os aspectos cognitivos e motores de pessoas autistas, estimulando na reorganização, estabelecimento de canais de comunicação para facilitar a interação social, facilitando no processo de desenvolvimento.

Lobô (2019) mostra como as leis contribuíram para a garantia de um novo modelo de assistência aos pacientes portadores de transtornos mentais. Leis diferenciadas, para grupos mais vulneráveis, também implementaram novas formas de acesso, dentre elas a Lei 12.764, para os portadores de autismo. Mostrando a importância sobre o conhecimento dessas leis e como os indivíduos serão beneficiados.

Sunakozawa (2020), tem por objetivo apresentar a necessidade do diagnóstico precoce do autismo, durante a leitura é possível uma melhor compreensão sobre o tema em questão, e sobre as consequências no tratamento quando o diagnóstico é realizado após a infância. Dessa maneira, é possível perceber que para o direcionamento terapêutico ideal maior melhor progresso no tratamento à criança afetada deve-se realizar diagnóstico o mais cedo possível. Proporcionando a melhor qualidade de vida dos indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista.

Os autores Oliveira, Filho, Bassani (2018) tem o intuito de expor uma crítica a medicalização em pacientes autistas, a apresentação dessa experiência se deve ao fato de consideram que esta representa uma forma de problematização e criação de práticas desmedicalizantes que podem ser utilizadas nos âmbitos da educação e da saúde. Tendo como foco da discussão as práticas não medicalizantes é o autismo. Além disso, presente artigo visa apresentar a experiência de uma formação de Clube do livro, objetivando a leitura de biografias e autobiografias de sujeitos com autismo.

Para Silva e Rahme (2022) a hiperatividade, dislexia, déficit de atenção, autismo, transtorno opoissor rondam pelos espaços escolares, estabelecendo



um diagnóstico que, não precisamente, ocasionará no desenvolvimento de uma prática que considere a subjetividade da criança e sua relação com o saber.

Segundo Nacinovic e Rodrigues (2020), quando as particularidades das crianças, como por exemplo sinais patológicos, produz a necessidade de pesquisar tratamentos e soluções que exibem maneiras rápidas e, por causa disso, muitos enxergam a medicação como uma saída imediata para as questões apresentadas. Para Hashizume; Pereira; Antônio (2022), as crianças com comportamentos considerados diversos são, em maior quantidade, diagnosticadas com problemas psíquicos, que tem a consequência de tratamento quase sempre medicamentoso. A medicalização refere-se a uma orientação ou modo de encarar fatos multideterminados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os trabalhos analisados, conclui-se que é importante o uso de medicamentos, as propostas de intervenção e as atuações do profissional de psicologia e do terapeuta ocupacional no tratamento das pessoas diagnosticadas com TEA.

Através da análise de revisão foi possível observar quais são os medicamentos mais utilizados e a importância dos métodos de intervenção adotados, mostrando o quanto esses métodos, como: o ABA, o TEACCH, o PECS e o SONRISE, estimulam no desenvolvimento e no comportamento das pessoas com autismo. É possível constatar a relevância do diagnóstico precoce para um melhor direcionamento terapêutico, alcançando um melhor progresso no tratamento. Proporcionando melhor qualidade de vida dos indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista.

O uso de medicamentos acaba por ser em muitos dos casos apenas o único método para o tratamento, apesar de ser necessário, em casos de uso indiscriminado e irregular torna-se prejudicial. A psicoterapia e os métodos de intervenção, devem ser primordiais e usufruídos juntamente com os medicamentos, sendo assim essenciais para a evolução e desenvolvimento de crianças com autismo.

Pelo exposto, percebe-se o quanto é importante conhecer a respeito do Transtorno do espectro autista, buscando entender o processo de socialização



do mesmo, a importância da família no processo terapêutica e o quanto é eficaz a atuação dos profissionais, dentre eles, o Psicólogo e o Terapeuta Ocupacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A.; ALVES, T. O AUTISMO E O PSICÓLOGO NA PSICOLOGIA CLÍNICA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 2, p. 201–218, 2022. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/4162>. Acesso em: 7 nov 2022.

APA. American Psychiatric Association. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais**, 4ª ed. (DSM-IV). Washington, DC: American Psychiatric Publishing Inc, 1 de abril de 2006. Disponível em: <https://ajp.psychiatryonline.org/doi/epdf/10.1176/ajp.152.8.1228>. Acesso em: 14 out 2022.

BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo. Medicalização dos desvios de comportamento na infância: aspectos positivos e negativos. **Psicol. cienc. prof.[online]**. 2013, vol.33, n.1, pp. 208-221. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000100016>. Acesso em: 04 de nov 2022.

CAMARGO, Siglia Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educacional Especial**, V. 26, n. 47. p. 639-650, set./dez.2013, Santa Maria. Disponível em: [https://periodicos.ufsm.br/educacao-especial/article/view/6994/pdf\\_1](https://periodicos.ufsm.br/educacao-especial/article/view/6994/pdf_1). Acesso: 29 out 2022

CARVALHO, S.R., RODRIGUES, C.O., COSTA, F.D. & ANDRADE, H. Medicalização: uma crítica (im)pertinente?. **Physis** vol.25 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000400011>. Acesso em: 14 out 2022.

COLLARES, C. A. L. & MOYSÉS, M.A. Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização. **Educ. Soc.** 18. São Paulo: Cortez, ago, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LtHPY7LxY47SckdbwFwyXvd/?lang=pt>. Acesso: 14 out 2022.

FARIAS, Ezequiel B.; SILVA, Leandro W. C.; CUNHA, Mônica X. C. ABC AUTISMO: Um aplicativo móvel para auxiliar na alfabetização de crianças com autismo baseado no Programa TEACCH. **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (SBSI)**, 10.2014, Londrina. Anais. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2014. p. 458-469. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/sbsi/article/view/6136>. Acesso em: 04 nov de 2022



HASHIZUME, Cristina Miyuki et al. Inclusão e medicalização no contexto escolar: o olhar docente e da gestão sobre os problemas da aprendizagem. **Cadernos de Educação**, v.21, n. 42, jan/jun, 2022. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/1037114>. Acesso em: 7 nov 2022.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos. AUTISMO: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO. **Revista Transformar**, 8º Edição, 2016. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63>. Acesso: 07 nov 2022.

LÔBO, Suely Maria Costa. O autismo no caminho da patologização e medicalização: efeitos da Lei 13.438, de 26 de abril de 2017. **Revista Crítica de Humanidades**, Salvador, n. 246, jan./abr., p. 83-91, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334111975\\_O\\_AUTISMO\\_NO\\_CAMINHO\\_DA\\_PATOLOGIZACAO\\_E\\_MEDICALIZACAO\\_EFEITOS\\_DA\\_LEI\\_13438\\_DE\\_26\\_DE\\_ABRIL\\_DE\\_2017](https://www.researchgate.net/publication/334111975_O_AUTISMO_NO_CAMINHO_DA_PATOLOGIZACAO_E_MEDICALIZACAO_EFEITOS_DA_LEI_13438_DE_26_DE_ABRIL_DE_2017). Acesso em: 7 nov 2022.

LOPES, Ana Maria Costa da Silva. O autismo e suas conexões: qual medicação para o autista?. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1343-1352, dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682019000300026&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300026&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 7 nov 2022.

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v.24, n.39, jan./abr. 2011 Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989/1720>. Acesso em: 04 nov 2022.

MEDEIROS, João; TOMASI, Carolina. **Redação de Artigos Científicos**. 2º Ed. Editora, Atlas: Grupo GEN, 2021. 9788597026641. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026641/>. Acesso em: 14 out 2022.

NACINOVIC, R. do C. P.; RODRIGUES, M. G. A. Medicalização da educação especial: Tensões na inclusão. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 57, p. 203–221, 2020. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/20>. Acesso em: 7 nov 2022.

MAPURUNGA, B. A.; MENDES, A. L. R.; SILVEIRA, V. B.; CORREIA, R. F. de O.; CARVALHO, A. F. M. de. A atuação do terapeuta ocupacional na reabilitação de pessoas com autismo. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, p. e26291, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/26291>. Acesso em: 7 nov 2022.



OLIVEIRA, et al. Considerações da aplicação do método PECS em indivíduos com TEA. **Editora da PUC Goiás**, v. 42, n.3, maio/jun. 2015. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/4129/2359>. Acesso em: 04 nov 2022.

OLIVEIRA, Débora Nascimento; FILHO, Jair Ronchi; BASSANI, Elizabete. A construção de práticas não medicalizantes para o autismo: a experiência de um clube do livro. v. 2 (2018): **V Seminário Nacional de Educação Especial/ XVI Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/snee/article/view/23929>. Acesso em: 7 nov 2022.

SOALHEIRO, N. I., MOTA, F. S. (2014). Medicalização da vida: doença, transtornos e saúde mental. **Revista Polis e Psique**, 4(2), 65-85. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.19131.rpesm.0132>. Acesso em: 14 out 2022.

SILVA, Fábio Henrique; RAHME, Mônica Maria Farid. A questão da medicalização como um atravessamento à inclusão escolar. **Debates em Educação**, vol. 14, nº. 34, Jan/Abr, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/13297/9540>. Acesso: 7 nov 2022.

SUNAKOZAWA, Vitória Rossi. Autismo: importância do diagnóstico precoce. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 09, Vol. 02, pp. 05-11. Setembro de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodocohhecimento.com.br/saude/diagnostico-precoce>. Acesso em: 7 nov 2022.